

Prophet of innovation: Joseph Schumpeter and creative destruction

Thomas K. McCraw

Cambridge, Mass.: The Belknap Press of Harvard University Press, 2007

Rafael Clemente

Grupo de Produção Integrada, Programa de Engenharia de Produção, COPPE,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A biografia de uma figura ilustre como Schumpeter exigia nada menos do que um autor do porte de Thomas McGraw. Um dos mais respeitados historiadores de negócios dos Estados Unidos, professor emérito de história de negócios da Harvard Business School e ganhador do Prêmio Pulitzer, McGraw adiciona à sua lista de trabalhos premiados a excelente biografia, *Prophet of innovation: Joseph Schumpeter and creative destruction*, a qual, segundo o autor, “possui dois protagonistas: Joseph Alois Schumpeter e o fenômeno da inovação capitalista” (p.ix).

Apesar de afirmar que “o livro não tem como preocupação principal o pensamento econômico de Schumpeter”, segundo McGraw, apenas limitadamente apresentado, “mas, sim, sua vida turbulenta e seu esforço compulsivo para entender o capitalismo em sua efervescente mistura de elementos econômicos, sociais, culturais e políticos; em suas qualidades boas e ruins; e seus impactos sobre indivíduos, famílias, e nações” (p.xi), esse livro parece lidar bem com a dicotomia entre a discussão do pensamento e da vida de seu protagonista. Com base em um enorme acervo de documentos escritos por Schumpeter, incluindo o acesso a diários íntimos, cartas e bilhetes amorosos,

muitos nunca antes utilizados, McGraw consegue apresentar com riqueza de detalhes um inteligente equilíbrio entre a ênfase dada à vida pessoal e profissional de Schumpeter e as idéias por ele apresentadas, contextualizando suas contribuições acadêmicas nos diferentes momentos de sua história particular e de sua obsessão pelo entendimento do capitalismo. Esta é a característica mais marcante e, também, a maior virtude desse trabalho.

Esse volumoso livro de 719 páginas, além das 11 pré-textuais, ilustrado com diversas fotografias sobre os diferentes períodos da vida de Schumpeter, está dividido em 28 capítulos organizados em 3 partes, que correspondem às grandes viradas intelectuais na sua trajetória. Cabe destacar, ainda, a meticulosidade com que foram documentas as notas de fim, que totalizam 187 páginas e proporcionam ao leitor meios para mergulhar na obra de Schumpeter e navegar pelas referências ali comentadas.

Em função da extensão dessa obra e do grande número de capítulos nela contidos, comentá-los um a um levaria a exceder a dimensão razoável de uma resenha. Optou-se então por apresentar, seguindo a estrutura de suas partes, os fatos mais marcantes da trajetória de vida de Schumpeter, que McGraw destaca em seu texto.

A primeira parte, intitulada “L’enfant terrible: innovation and economics”, que cobre o período de 1883 a 1926, apresenta como Joseph Alois Schumpeter, nascido em 1883, na pequena cidade de Triesch, na província da Morávia, percorreu sua trajetória de formação como economista. As ambições de sua mãe, Johanna, relacionadas ao seu único filho, que perdera o pai aos 4 anos, foram determinantes para que esta, decidida a subir na escala social, se mudasse para Graz, se casasse com um ex-general e logo em seguida mudasse a família para Viena, onde seu filho pôde desfrutar da melhor formação agora a ele acessível em função do título de seu padrasto. As ambições intelectuais de Schumpeter não poderiam encontrar melhor lugar do que a Universidade de Viena, na qual ingressou em 1901 e se graduou em direito em 1906. Entretanto, como destaca McGraw, “apesar de preferir história e sociologia, ele via que a economia tinha a possibilidade de integrar outras áreas de conhecimento e trazer ordem à confusão”.

Schumpeter partiu então em uma viagem de três anos, na qual buscou encontrar com todos os grandes economistas europeus ao seu alcance, passando

pela Alemanha, França e Inglaterra, onde se casou com sua primeira esposa, Gladys Ricarde Seaver, em um ato que McGraw acredita ser “uma questão de identidade, uma tentativa de reinventar-se como um aristocrata e um cavaleiro inglês” (p.60), em grande parte derivada da obsessão de sua mãe pela ascensão social. Schumpeter e Gladys navegaram para o Cairo, onde ele trabalhou como advogado e acumulou dinheiro suficiente para que vivesse bem pelos próximos seis anos. Ao longo de sua viagem, começou a escrever sobre a teoria e os métodos da economia, no qual repensava o campo da maneira mais ampla que podia. Em 1908, publicou o livro *A natureza e a essência da economia política*, escrito em apenas 18 meses apesar de suas 626 páginas. Este foi a peça central para que obtivesse sua habilitação na Universidade de Viena, que em seguida o permitiu conseguir um posto de professor associado.

O resultado de dois anos de trabalho na Universidade de Czernowitz foi o livro *Teoria do desenvolvimento econômico*, que define a base de sua original análise do capitalismo. McGraw destaca que, apesar de “ser um livro exemplar, o momento de sua aparição foi inoportuno” (p.75). A Primeira Guerra desviou a atenção dos leitores, e a edição em inglês não foi lançada até 1934. Apesar de tudo, as resenhas do livro foram bastante positivas e entusiasmadas, rendendo-lhe um convite de professor visitante na Universidade de Columbia em 1913. Quando retornou, a Grande Guerra impossibilitou o retorno de sua esposa Gladys, que havia voltado para Inglaterra, quando da ida de seu marido para os EUA. Já em 1920 o próprio Schumpeter não se denominava mais casado.

Nessa época ele aumentou seu envolvimento na política, que culminou, após alguns anos, na sua nomeação como ministro das Finanças da Áustria e, logo em seguida, em uma atuação como banqueiro, o que o levou a um considerável acúmulo de dívidas. Nesses mesmos anos, Schumpeter teve o mais profundo envolvimento amoroso de sua vida, Annie, com quem se casou em 1925, retomando a vida acadêmica como professor na Universidade de Bonn. O ano de 1926 foi marcante na vida de Schumpeter, tendo este perdido, em uma infeliz seqüência, sua mãe, sua esposa e o bebê que esta acabara de dar à luz.

Após a morte de Annie e Johanna, ocorreu a virada intelectual que constitui a segunda parte desse livro, “The adult: capitalism and society”, que

contempla o intervalo entre os anos de 1926 e 1939, período em que a atenção de Schumpeter se estendeu da teoria econômica para incluir também os aspectos sociais e culturais do capitalismo.

Entre 1927 e 1931, Schumpeter foi duas vezes para Harvard como professor visitante e em 1932, finalmente, demitiu-se de Bonn, migrando definitivamente para os EUA como professor de Harvard, mudança esta reconstruída com enorme riqueza de detalhes por McGraw, que provavelmente se utilizou de sua condição de professor dessa universidade para explorar como ninguém os aspectos históricos da instituição e de seus grandes professores.

Este foi um período de grande dedicação em que Schumpeter rapidamente se tornou um dos mais admirados professores do departamento. Demonstrava toda a sua erudição nas aulas em que, apesar de meticulosamente preparadas, não utilizava nenhum tipo de anotação. “Ele era o único professor que vinha para a aula sem nenhum material escrito, mas saía com o casaco e os bolsos cheios de anotações”, destacou um estudante (p.211).

Era um dos poucos professores que conseguia manter-se tanto escrevendo quanto lecionando, publicava inúmeros trabalhos e mantinha um ótimo desempenho em suas aulas. Schumpeter era também um dos professores mais acessíveis aos alunos, com os quais buscava desenvolver relações pessoais mais próximas, promovendo almoços e jantares em que sempre pagava a conta, e inúmeras conversas informais. Era comum que organizasse grupos de discussões com os professores e alunos do departamento, nos quais artigos eram apresentados e discutidos por longas horas.

À medida que mergulhava mais intensamente no trabalho, aumentava a atenção que dava à história como questão-chave para o entendimento do capitalismo. “Ele nunca abandonou o seu fascínio por sociologia, matemática, direito e ciência política. Mas ele agora consolidou essas disciplinas sobre o guarda-chuva da história e da economia política” (p.249).

É essa virada intelectual que caracteriza a passagem para a terceira parte do livro, “The sage: innovation, capitalism and history”, que compreende o período entre 1939 e 1950, década em que Schumpeter apresenta uma crescente obsessão pela morte e se mostra cada vez mais deprimido em função dos acontecimentos que ocorriam no mundo. A única forma pela qual Schumpeter

se libertava desse tipo de sentimento era mergulhando no trabalho, sendo este também o período em que publicou três importantes livros: *Ciclos econômicos* (1939), *Capitalismo, socialismo e democracia* (1942) e *História da análise econômica* (1954), este último não finalizado por ele, mas publicado postumamente pela sua terceira mulher, Elizabeth, uma economista com quem se casara em 1937 e cujo suporte foi fundamental na parte final de sua carreira.

O tempo que empregou ao longo dos sete anos em que estava pesquisando e escrevendo *Ciclos econômicos* foi maior do que todas as suas outras atividades em conjunto, tendo durado o dobro do que inicialmente esperado. Entretanto, quando os dois volumes que totalizavam 1.095 páginas vieram a público, Schumpeter não obteve o sucesso que esperava. Pela segunda vez um livro seu fora publicado em um momento inoportuno. Como destaca McGraw, “de 1936 até o fim de sua vida, um fantasma perseguiu Schumpeter, e esse fantasma era John Maynard Keynes” (p.273). Este publicara *Teoria geral do emprego, juros e moeda* em 1936 e, diferente de *Ciclos econômicos*, apresentava uma nova explicação para a Grande Depressão e um conjunto de proposições pelo qual a econômica mundial poderia recuperar-se. Essa orientação para elaboração de políticas era o aspecto que mais chamava a atenção dos leitores, mas também a que mais incomodava Schumpeter, cujas críticas ao trabalho de Keynes são bem trabalhadas por McGraw.

Apesar disso, a pesquisa realizada para desenvolvê-lo foi determinante para a elaboração e publicação, apenas três anos depois, de seu mais popular livro: *Capitalismo, socialismo e democracia*, ao qual McGraw dedica um capítulo de 29 páginas. Neste, Schumpeter consegue sintetizar em 381 páginas os seus 40 anos na busca pelo entendimento do capitalismo e faz uma das mais importantes análises já vista, adotando um estilo em que demonstra grande erudição, utiliza-se de diversas metáforas e apresenta grande sarcasmo, “particularmente as partes em que parece defender as idéias socialistas – não devem ser tomadas pelo valor de face” (p.348).

Nesse livro, após uma análise da obra de Marx, Schumpeter busca responder a questão: “O capitalismo pode sobreviver?” Apesar de sua resposta negativa, o argumento que a suporta não se baseia em suas falhas ou em suas contradições, como apontava Marx, mas sim no seu sucesso, que levaria à criação de forças sociais que levariam à excessiva rotinização e despersonalização

da inovação e do esvaziamento da imagem do empreendedor, que fragilizariam o sistema e o levariam ao seu fim. Nessa análise destaca as principais características do capitalismo que não eram consideradas nas abordagens dos economistas para o estudo das grandes empresas e que, segundo ele, “qualquer investigador que não reconhecesse essas características essenciais, faz um trabalho sem sentido” (p.352). Na terceira parte desse livro, em que busca responder a pergunta “O socialismo pode funcionar?”, McGraw ressalta a ironia de Schumpeter, ao responder com um enfático e provocativo “é claro que pode” e baseando esse argumento em condições teóricas pouco plausíveis na prática. São essas questões que tornam esse livro tão interessante e intrigante, provocando e instigando os leitores à reflexão, como destacou Henrik Lambers sobre os inúmeros comentários que recebia de seus alunos: “para ser honesto, o único livro estimulante foi o de Schumpeter” (p.373).

Também é neste em que apresenta a expressão “destruição criativa”, metáfora bastante difundida e que sintetiza todo o potencial de evolução do capitalismo na imagem da destruição do velho pela criação do novo, trazendo à tona seu caráter endógeno, a necessidade de sua visão no tempo, o papel central das inovações, da criação de crédito e o papel do empreendedor e das grandes empresas, estas últimas bastante reforçadas nessa obra.

Os últimos anos de sua vida foram também de grande reconhecimento. Em dezembro de 1947 foi eleito presidente da American Economic Association, o mais prestigiado posto do país para um economista, e em 1949 foi escolhido presidente da International Economic Association, e, como destaca McGraw,

“esses tributos, os maiores reconhecimentos possíveis por seus pares tanto nos Estados Unidos quanto fora, significava muito para ele. [...] Agora no meio de seus 60 anos, alcançou, sem dúvida, uma das metas que se havia colocado quando adolescente em Viena – celebridade –, não como ministro das finanças, mas como o mais famoso economista vivo” (p.421).

Após sua morte em 1950, graças ao esforço de sua esposa, Schumpeter ainda teve mais uma obra publicada, *História da análise econômica*. Elizabeth dedicou os últimos três anos de sua vida consolidando as inúmeras partes e preparando o livro para publicação. McGraw destaca o papel que ela teve não

apenas nos nove anos que o casal trabalhou junto no livro antes da morte de Schumpeter, mas também em apoiar o marido emocionalmente, para que este não mergulhasse na tristeza e depressão que o assolava. Infelizmente, apesar de esse livro significar muito para ela, como ressalta uma das passagens de seu diário: “como não pudemos ter um filho, vamos ter esse livro juntos” (p.442), Elizabeth falecera em 1953, um ano antes da publicação. Não tendo visto o resultado do livro de 1.260 páginas, que “descreve, em grande detalhes, a evolução gradual do pensamento econômico” (p.443) e que, segundo G. B. Richardson, foi “um dos mais importantes livros de economia publicado na última metade do século” (p.465).

Nas 11 páginas do Epílogo, McGraw demonstra como o principal legado de Schumpeter, “a sua compreensão de que a inovação na forma da destruição criativa é a força motriz não apenas do capitalismo, mas no progresso material em geral” (p.495), e as suas preocupações centrais – inovação, empreendedorismo e criação de crédito – tiveram papel central na forma como a moderna história dos negócios foi formada. Destacando o reconhecimento tanto no campo acadêmico quanto no de negócios que Schumpeter vem recebendo. Após a leitura de tal biografia, não resta dúvida que Schumpeter ficaria extremamente satisfeito com essas declarações.

Algumas características dessa obra do professor McGraw merecem ser destacadas. Deve-se notar a capacidade com que McGraw apresenta as características de uma personalidade com tantas contradições como a de Schumpeter. Com nuances tais que, ao mesmo tempo em que podia ser extremamente rigoroso com o próprio trabalho, quase sempre atribuindo notas baixas ao seu desempenho em seu diário, era capaz de encontrar sempre algo positivo e dar ótimas notas aos trabalhos de seus alunos. Ao mesmo tempo em que era extremamente vaidoso e exibicionista, “ele omitia completamente qualquer citação ao seu próprio trabalho” (p.220). Ao mesmo tempo em que fora amplamente apoiado pelas mulheres com quem se casara, foi capaz de registrar em seu diário que as mulheres foram a distração principal que o impedira de alcançar melhores resultados. Essas são apenas algumas das contradições que ficam claras deste, que McGraw descreve como “um dos maiores economistas de todos os tempos, além de possuidor de uma personalidade empolgante” (p.ix).

Merece destaque, também, a forma pela qual McGraw apresenta as principais obras de Schumpeter, dedicando um capítulo para cada uma, no qual apresenta as idéias centrais de cada uma das obras e, principalmente, os impactos de sua publicação, registrados a partir dos elogios e críticas apresentados nas resenhas e ensaios posteriormente publicados. A preocupação em apresentar as principais idéias sempre relacionadas ao contexto histórico e emocional torna a leitura agradável e proporciona um interessante equilíbrio entre a vida pessoal e profissional e a evolução de suas proposições.

Deve-se notar também que, apesar da riqueza das fontes utilizadas pelo autor representar uma virtude na maior parte do livro, algumas passagens podem mostrar-se excessivamente detalhadas e desnecessárias para a maior parte dos leitores interessados em conhecer a trajetória intelectual de Schumpeter, como, por exemplo, o capítulo 16, que, ao longo de 22 páginas, apresenta o conteúdo das cartas que Schumpeter trocava com sua assistente em Bonn, Mia Stöckel. Por outro lado, a riqueza de detalhes com que apresenta diversos acontecimentos históricos, como a escalada ao poder dos nazistas, a Grande Depressão e as duas Grandes Guerras, faz com que McGraw nos proporcione, além de uma biografia, uma breve jornada na moderna história econômica da Europa e dos EUA.

Por fim, recomenda-se essa leitura tanto aos conhecedores de Schumpeter quanto aos jovens pesquisadores ainda não iniciados em sua obra. Aos primeiros, o conhecimento do contexto histórico e emocional em que Schumpeter se encontrava no momento de cada uma das suas contribuições intelectuais, além de uma agradável leitura, certamente pode trazer contribuições para refinar o entendimento de suas proposições. Aos últimos, apesar dessa obra não ser suficiente para que passem a entender com profundidade o pensamento de Schumpeter, conhecer a trajetória de formação e a dedicação sem limites ao trabalho, combinadas ao brilhantismo natural, deste que pode ser considerado um dos maiores intelectuais que já se debruçou sobre o sistema econômico, certamente será uma inestimável fonte de inspiração e motivação.